MARIANA TORELLY RODRIGUES BONVICINO

**Ativismo digital feminista:
A Internet como ferramenta na luta
pela proteção dos direitos das mulheres**

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Professora Dra. Eva Alterman Blay

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2018

MARIANA TORELLY RODRIGUES BONVICINO

**Ativismo digital feminista:
A Internet como ferramenta na luta
pela proteção dos direitos das mulheres**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Direito, na área de concentração de Direitos Humanos, sob a orientação da Professora Dra. Eva Alterman Blay.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Bonvicino, Mariana Torelly Rodrigues

Ativismo digital feminista: A Internet como ferramenta na luta pela proteção dos direitos das mulheres / Mariana Torelly Rodrigues Bonvicino; orientadora Eva Alterman Blay -- São Paulo, 2018.

105 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Ativismo digital. 2. Feminismo. 3. Direitos das mulheres. I. Bonvicino, Mariana Torelly Rodrigues. II. Título: Ativismo digital feminista: A Internet como ferramenta na luta pela proteção dos direitos das mulheres

Nome: Mariana Torelly Rodrigues Bonvicino

Título: Ativismo digital feminista: A Internet como ferramenta na luta pela proteção dos direitos das mulheres

Dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Direito

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho às fortes e admiráveis mulheres da minha vida e agradeço em especial:

À minha amada avó, Maria da Glória Torelly, por me inspirar com a sua história de vida e por ser o maior exemplo de matriarca forte que une a todos;

À minha mãe, Eloysa Torelly, por ser a minha primeira referência de mulher forte e independente. Obrigada por me ensinar o gosto pela descoberta do desconhecido e a insaciável sede de aprendizado;

Às minhas amigas-irmãs, Ravena Seida e Clarisse Falcão, pela presença constante – apesar da distância física – e pela eterna parceria. Sou grata por terem se dedicado à leitura dessa dissertação e oferecido suas opiniões;

Às amigas Laís Leiros e Renata Mendes, pelas sugestões e ajuda prestadas para conclusão desse trabalho;

À minha querida revisora, Livia Prado, pelas palavras de incentivo e pelas madrugadas dedicadas à leitura e revisão do texto;

À querida Fabiola Fanti, por toda a disponibilidade, apoio e sugestões ao longo desse árduo caminho;

À minha estimada chefe, Dra. Paula Velloso, por ser um exemplo de autoridade que exerce seu cargo com profissionalismo, leveza e doçura.

*“todas nós seguimos em frente quando
percebemos como são fortes
e admiráveis as mulheres
à nossa volta”*

rupi kaur

Mariana Torelly Rodrigues Bonvicino. Ativismo digital feminista: A Internet como ferramenta na luta pela proteção dos direitos das mulheres. 2018. 105 p. Mestrado - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RESUMO

Esta dissertação tem por intuito estudar o ativismo digital feminista no contexto brasileiro, por meio de dados colhidos das páginas do Facebook “Think Olga” e “Não Me Kahlo”, que se propõem à discussão de questões atinentes à igualdade de gênero e aos direitos das mulheres. Para tanto, serão abordadas questões referentes ao conceito de gênero e à identidade entre as mulheres para compreender o desenvolvimento do movimento feminista; o advento das novas tecnologias de informação e comunicação e seu impacto no modo de atuação dos movimentos sociais; as possibilidades do ciberespaço na luta por direitos e o conceito de ativismo digital. Ao final, pretende-se analisar como os direitos das mulheres são abordados e discutidos por meio do ativismo digital feminista e de que forma esse tipo de atuação vem contribuindo para a divulgação da pauta do movimento na sociedade.

Palavras-chave: Ativismo digital. Feminismo. Direitos das mulheres.

Mariana Torelly Rodrigues Bonvicino. Feminist digital activism: The Internet as a tool in the fight for women's rights' protection. 2018. 105 p. Master - Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2018.

ABSTRACT

The present Master's thesis seeks to study the feminist digital activism in Brazil, based on data collected from Facebook pages "Think Olga" and "Não Me Kahlo", whose main purpose is to debate gender equality and women's rights. In order to achieve that goal, some subjects will be addressed, such as the concept of gender and women's identity for better comprehension of the feminist movement's development; the advent of new information and communication technologies and their impact on social movements' performances; the possibilities provided by cyberspace in regard to the fight for rights and the concept of digital activism. At last, this work aims to perceive how women's rights are addressed and discussed through feminist digital activism, and in what way this kind of action contributes to public awareness in regard to this issue.

Keywords: Digital activism. Feminism. Women's rights.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OS FEMINISMOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	13
2.1 Considerações gerais sobre as relações de gênero e a identidade das mulheres.....	13
2.2 Principais demandas dos feminismos contemporâneos.....	18
2.3 A perspectiva interseccional.....	24
3 A SOCIEDADE EM REDE E AS NOVAS MÍDIAS DIGITAIS.....	31
3.1 Os movimentos sociais no contexto da sociedade em rede.....	31
3.2 A comunicação e as possibilidades do ciberespaço.....	35
3.3 O poder dos cidadãos na ciberdemocracia.....	41
4 O ATIVISMO DIGITAL.....	47
4.1 As origens do ativismo digital.....	47
4.2 Os diferentes tipos de ações on-line e a atuação dos movimentos sociais.....	53
4.3 O universo das redes sociais digitais.....	56
5 O MOVIMENTO FEMINISTA NA ERA DIGITAL.....	61
5.1 Ciberfeminismo.....	61
5.2 O ativismo digital e a primavera feminista.....	66
5.3 Objeto de estudo: As páginas “Think Olga” e “Não Me Kahlo”.....	68
5.3.1 Revisão de literatura.....	69
5.3.2 Metodologia.....	72
5.3.3 Think Olga.....	74
5.3.4 Não Me Kahlo.....	77
5.3.5 Apresentação e análise dos dados.....	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO.....	102

1 INTRODUÇÃO

No século XX, o surgimento da Internet apresenta-se como um dos principais marcos das sociedades contemporâneas, causando grande impacto nas relações sociais, na política e na economia. A partir da década de 1990, observa-se a consolidação e a popularização da rede mundial de computadores no Brasil, que passa a ser utilizada não só por instituições e empresas, mas também por indivíduos.

Nesse contexto, o ativismo digital desponta como um novo modo de expressão individual e de atuação dos movimentos sociais, caracterizando-se pela utilização da Internet como ferramenta para reivindicação de direitos, denúncia de violações e divulgação das pautas por eles defendidas.

Assim como os diversos movimentos sociais atuantes no país, o movimento feminista apoderou-se desse instrumento e passou a utilizar a plataforma oferecida pelo meio digital para intensificar sua luta e dar voz às suas participantes.

Diante desse cenário, no ano de 2015 o movimento feminista destacou-se no Brasil devido às diversas iniciativas feministas que ocuparam o mundo virtual, por meio de campanhas, relatos, denúncias e notícias. A repercussão dessa mobilização fez com que fosse atribuída a alcunha “primavera das mulheres” ou “primavera feminista” a esse momento de intensas críticas, exigências e objeções em prol dos direitos das mulheres.

A onda de manifestações feministas na Internet evidenciou diversas questões reivindicadas na luta pela igualdade de gênero e invariavelmente ignoradas ou menosprezadas pela sociedade contemporânea brasileira, ainda pautada por valores machistas.

É inegável a ocorrência de progressos quanto ao reconhecimento e respeito a certos direitos, como a igualdade perante a lei na relação conjugal e o sufrágio feminino. Entretanto, a persistente existência de relações sociais de gênero desiguais no Brasil gera situações cotidianas de violação de direitos das mulheres. Citam-se, a título de exemplo, a violência doméstica, o assédio nas ruas, a desigualdade salarial e a objetificação do corpo feminino.

Uma das formas de denúncia dessas violações decorre da atuação do movimento feminista na Internet. Blogs, sites e páginas no Facebook conferem

visibilidade à insatisfação das mulheres e tentam modificar o paradigma social e cultural vigente, de modo a combater violações e promover a proteção de seus direitos. Assim, percebe-se a efervescente reação de parcelas da sociedade que buscam a elaboração de novos modelos de representação das relações sociais de gênero e a construção de uma estrutura de respeito às mulheres.

O presente trabalho visa a estudar a contribuição do ativismo digital feminista para a proteção e promoção dos direitos das mulheres no contexto brasileiro. O estudo a ser realizado apoia-se na crescente reivindicação de direitos, por parte das mulheres, em busca da erradicação de ideais machistas reproduzidos na educação e nos hábitos sociais e culturais.

A fim de compreender tal contexto, o primeiro capítulo desta pesquisa dirige-se ao estudo das relações de gênero e do desenvolvimento da luta feminista contemporânea no Brasil. Ressalta-se, nesse capítulo, o papel central da interseccionalidade para a garantia do respeito à diversidade, valor fundamental das sociedades democráticas.

Será realizada, para tanto, uma análise do conceito de gênero e das discussões abrangidas por tal temática, como a relação entre sexo e gênero; a noção de masculinidade; as diferentes características atribuídas às mulheres e aos homens em razão do gênero e a questão da identidade entre as mulheres, que enseja a formação de um movimento de luta por seus direitos.

Propõe-se, outrossim, uma análise das principais demandas e desafios do feminismo contemporâneo, por meio da compreensão do contexto político brasileiro e internacional e da indicação das reivindicações mais reiteradas pelas feministas nesse cenário. Destacam-se, ao final, as demandas especificamente trazidas pela influência da interseccionalidade no movimento.

Partindo da premissa de que a Internet pode revelar-se um poderoso instrumento, capaz de impulsionar a atuação do movimento feminista na contemporaneidade, o segundo capítulo deste trabalho dirige-se à análise da sociedade em rede, do surgimento das novas mídias digitais e do exercício da cidadania na era digital.

O cerne do segundo capítulo, portanto, perpassa pelo estudo da sociedade atual, caracterizada pela miríade de conexões formadas entre seus integrantes,

mediante a formação e a articulação de redes de contato possibilitadas pela globalização e pelo avanço tecnológico. Observa-se, assim, o aparecimento de uma nova forma de manifestação social, caracterizada pela intensa utilização das novas mídias digitais, como a Internet e os aparelhos digitais móveis.

Com o desenvolvimento das novas mídias e o advento da Internet, ampliam-se as possibilidades de mobilização da sociedade civil, culminando no surgimento de novas formas de manifestação individual e coletiva no âmbito digital. Assim, insatisfações podem ser expressas, denúncias podem ser compartilhadas e reivindicações podem ser publicadas por meio da apropriação da rede virtual como ferramenta de luta.

A Internet comporta grande potencial de diversidade na divulgação de informações, pois permite a participação de indivíduos e grupos que não costumam ser representados pela mídia e pelas arenas políticas tradicionais. Desse modo, temas que não são usualmente debatidos podem florescer em uma plataforma de alcance mundial, conferindo caráter democrático à comunicação virtual.

O terceiro capítulo passa, por sua vez, ao estudo da relação entre as redes sociais digitais e a democracia. O exercício da cidadania encontra no âmbito digital uma nova plataforma para se desenvolver, seja por meio da participação em campanhas eleitorais, da fiscalização das medidas empreendidas pela gestão pública ou da reivindicação de políticas públicas.

Essas novas formas de interferência dos cidadãos na política contribuem para a consolidação do processo democrático mediante a participação ativa, a conscientização e o envolvimento político, destacando-se o papel da comunicação e da livre troca de informações potencializadas pelas novas tecnologias.

Constatada a premência de mudanças sociais, culturais e políticas no que se refere à representação e à identidade da mulher, bem como ao tratamento a ela dispensado em razão do gênero, impõe-se a necessidade de um estudo sobre como a Internet, no contexto democrático, pode ser utilizada para atingir tal finalidade.

Para tanto, pretende-se analisar o surgimento do ativismo digital como uma modalidade de atuação em prol de avanços sociais e políticos, consolidando os valores democráticos mediante a participação e a interação da população de forma inédita.

Desse modo, faz-se referência à atuação, nesse cenário tecnológico, dos movimentos sociais, que vêm adotando cada vez mais a Internet como um novo campo de batalha, culminando no exame do aparecimento e desenvolvimento das redes sociais digitais. Tais redes são entendidas como conexões formadas pela Internet entre diversos indivíduos, alterando o modo como se reproduzem as relações sociais.

Vencido o estudo acerca do feminismo, do uso das novas tecnologias de informação e comunicação e do seu impacto na sociedade, na política e no exercício da cidadania, o último capítulo converge para a união de todos esses elementos, visando à análise do ativismo digital feminista.

Assim, a partir dessas percepções iniciais, no quarto e último capítulo busca-se investigar o desenvolvimento e o modo de atuação do ativismo digital feminista. Esse estudo será realizado por meio de páginas nacionais criadas a partir da rede social Facebook, com propostas voltadas para a discussão da igualdade de gênero e dos direitos das mulheres.

As páginas a serem analisadas são “Não Me Kahlo” e “Think Olga”, selecionadas de acordo com os seguintes critérios: a identificação como parte do movimento feminista; o potencial de alcance nas redes; a atuação dentro e fora da Internet e a repercussão na sociedade por meio da mídia tradicional. Os dados que serão examinados dizem respeito, sobretudo, ao conteúdo e forma das publicações, no período de 15 de outubro a 15 de novembro de 2015, correspondente ao auge da chamada “primavera feminista” naquele ano.

A partir disso, o intuito da pesquisa será compreender a adoção da Internet como uma nova plataforma para a divulgação das demandas inerentes ao movimento feminista e inclusão de suas pautas nas discussões cotidianas, colocando em destaque as questões relativas à igualdade de gênero e à proteção dos direitos das mulheres.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com a análise da luta feminista no contexto atual, destacando os principais direitos reivindicados e a tendência à interseccionalidade. A ideia geral que perpassa o breve estudo dos feminismos apresentados no primeiro capítulo consiste na necessidade de mudanças de padrões sociais, com vistas a possibilitar o surgimento de novas representações de gênero e de construções identitárias plurais.

A partir desse estudo, entende-se que a luta por direitos no âmbito do movimento feminista é indissociável do poder da mobilização social e da comunicação. A interação entre os indivíduos e a mobilização coletiva ocorre no intrincado universo das relações sociais, que funcionam como redes que promovem a conexão entre cada sujeito por meio da comunicação.

O conceito de redes, estudado no segundo capítulo, configura uma peça fundamental para a compreensão dos movimentos sociais, dentre os quais se inclui o movimento feminista, e para a análise do papel da comunicação em sua constituição e desenvolvimento. A configuração em redes proporciona um terreno fértil para a manifestação e a troca de ideias, perspectivas e experiências, por meio do constante intercâmbio entre diferentes sujeitos, maximizado pela globalização e pelo uso das tecnologias digitais.

Considerando-se a busca por representatividade dos variados grupos sociais, a estrutura de redes contribui para a consolidação de valores democráticos ao garantir a pluralidade de opiniões. Fica evidente, assim, a importância da comunicação e da difusão de informação na luta contra a desigualdade, o que contribui para a percepção da comunicação como um direito humano.

A interligação entre a comunicação e a política evidencia-se com o surgimento da opinião pública, potencializada pelo desenvolvimento das redes digitais. O exercício da cidadania e a intervenção dos cidadãos na política por meio da plataforma digital ensejam inúmeras possibilidades de participação e representatividade que consolidam a experiência democrática.

Diante desse panorama, constata-se que as manifestações de movimentos sociais no século XXI são marcadas pelo intenso uso das novas tecnologias digitais e

pela luta por valores democráticos, conforme estudado no terceiro capítulo. A importância das redes sociais digitais no que se refere ao exercício do direito à comunicação decorre, em grande parte, da liberdade e da autonomia na elaboração e publicação de conteúdo. O ativismo digital surge, então, como um modo de expressão e compartilhamento de opiniões pela Internet que promove a organização e a mobilização de grupos sociais mediante a formação de redes interativas.

Sob a perspectiva dos feminismos, o ativismo digital proporciona uma nova forma de propagação e de abordagem da pauta defendida, marcada pela horizontalidade, acessibilidade e popularização. Com o uso cada vez mais difundido das tecnologias digitais, sobretudo pelo público jovem, a Internet torna-se uma ferramenta de inserção do movimento feminista na vida cotidiana por meio de reflexões, questionamentos e debates veiculados nos softwares de redes sociais digitais.

No contexto brasileiro, a atuação digital ocorrida no âmbito da primavera feminista, no ano de 2015, repercutiu de modo inédito devido à adoção simultânea de duas ferramentas poderosas: a ocupação das ruas e a apropriação dos espaços digitais, em resposta a reiteradas situações de opressão e violação de direitos, buscando evitar o retrocesso e ao mesmo tempo almejando novas conquistas.

Diante disso, buscou-se analisar, neste trabalho, como os direitos das mulheres são abordados e discutidos por meio do ativismo digital feminista e de que forma esse tipo de atuação vem contribuindo para a divulgação das reivindicações do movimento na sociedade.

Para atingir tal propósito, foram selecionadas duas páginas mantidas por organizações e coletivos feministas no Facebook: “Think Olga” e “Não Me Kahlo”. Ambas apresentam perfis semelhantes no que diz respeito aos questionamentos levantados e às reflexões sugeridas ao público que segue seu conteúdo, amparadas no pensamento interseccional e alerta para a inclusão e representação das diferenças dentro do movimento feminista.

As estratégias de divulgação da pauta feminista pelo meio digital, de acordo com os dados colhidos nesta pesquisa, incluem a publicação de artigos, notícias e relatos; a utilização de recursos visuais, como imagens, vídeos, fotografias, gráficos e

quadrinhos; e a criação de campanhas virtuais que incentivam o compartilhamento de narrativas pessoais.

A partir da análise das páginas, constatou-se a adoção de um viés de desconstrução de padrões normativos de masculinidade e feminilidade e de flexibilização das definições essencialistas de gênero. Dentre os temas abordados são mencionados, com frequência, a violência e o assédio contra mulheres, a sobrecarga feminina com atividades domésticas e maternas, os estereótipos de gênero, a representação política feminina, a inserção e a atuação das mulheres no mercado de trabalho.

De modo geral, como desdobramentos da atuação das páginas analisadas, vislumbra-se a provocação de questionamentos sobre a representação das mulheres na sociedade; a reflexão crítica sobre propostas de alteração legislativa envolvendo direitos das mulheres; a reivindicação de implementação de medidas a fim de garantir avanços em prol da igualdade de gênero; a criação de campanhas dentro e fora das redes com vistas à conscientização sobre situações de violência e discriminação contra mulheres.

Percebe-se, enfim, que o discurso adotado por ambas as páginas apoia-se na ideia de empoderamento das mulheres por meio do compartilhamento de informação, o que se mostra em consonância com os pensamentos de Castells e Cremades acerca da relevância e do potencial da manifestação de opiniões por meio das novas tecnologias de comunicação e da Internet.

Segundo esses autores, as novas tecnologias de comunicação como *smartphones* e *tablets* com acesso à Internet configuram uma fonte de poder para os cidadãos, pois permitem a livre manifestação e a formação de opiniões. No caso do ativismo digital feminista, isso pode ser observado no modo como a divulgação da pauta feminista pela Internet tem ocasionado a proliferação do debate na sociedade acerca das relações de gênero.

Retomando o pensamento de Castells a partir disso, verifica-se que a construção de significado na produção de relações de poder pode trazer modificações no que tange às questões referentes à dominação masculina e à opressão feminina. Isto é, por meio da comunicação podem ser estabelecidos novos parâmetros sociais e

culturais que questionem e ressignifiquem os papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade.

Assim, a partir da discussão das temáticas propostas pelas páginas estudadas, certas situações ainda normalizadas, como, por exemplo, a sobrecarga de tarefas domésticas e familiares que pesa sobre as mulheres, passam a ser questionadas e problematizadas. O mero exercício de compreensão de que as situações cotidianas que envolvem questões de gênero não são simplesmente decorrentes de fatores biológicos, mas sim de construções sociais, já configura um passo em direção a mudanças de comportamento quanto à garantia dos direitos das mulheres. Disseminar essa constatação ajuda na conscientização sobre a necessidade de distribuir de maneira igualitária as obrigações concernentes ao lar e à criação e educação dos filhos.

Além disso, a apropriação da Internet para difusão de debates dessa natureza configura um ato de exercício da cidadania no novo contexto da democracia na era digital. A mobilização feminina por meio da rede mundial de computadores apresenta-se como uma forma de reação à ameaça aos direitos das mulheres; por exemplo, no atual contexto brasileiro, em decorrência da tendência conservadora do Congresso Nacional. Assim, diante da inexpressiva representação feminina no Poder Legislativo, a ocupação das redes digitais torna-se uma modalidade de expressão da insatisfação das mulheres e de interferência em questões políticas.

A força das reivindicações sociais potencializada pelo uso da Internet traz à tona o conceito de “revolução do micropoder” elaborado por Javier Cremades. Nesse contexto, evidencia-se o poder individual de cada cidadão resultante do uso das novas tecnologias de comunicação, que proporcionam a manifestação e o compartilhamento de opiniões e informações.

Além da reivindicação de direitos, a plataforma virtual enseja, ainda, a identificação entre as mulheres em razão de situações de opressão e discriminação, gerando sentimentos de empatia, solidariedade e união. Isso acontece, por exemplo, na luta contra o assédio nos espaços públicos.

O debate sobre o assédio nas ruas tomou grandes proporções, sobretudo por tratar-se de um tema que, via de regra, atinge as mulheres de modo semelhante. Por ser uma conduta resultante da cultura consolidada de objetificação do corpo feminino,

é seguro dizer que toda mulher já sofreu ou sofrerá ao menos um episódio de assédio ao longo da vida. Diante disso, o reconhecimento público dessa posição comum, ocupada pelo simples fato de ser mulher, torna-se um ponto de apoio, capaz de amenizar a sensação de cada vítima de que é a única a sofrer tal infortúnio.

Os atos de vocalizar e denunciar as diversas circunstâncias em que as mulheres são inferiorizadas e desrespeitadas, bem como de reivindicar mudanças a fim de que seus direitos sejam garantidos, viabilizam o fortalecimento do papel de protagonismo. Cria-se, assim, uma base de identificação entre as mulheres por meio do compartilhamento de experiências.

Com efeito, a possibilidade de compartilhamento de relatos pessoais pela via digital oportunizou uma interação inédita entre mulheres que vivenciam ou vivenciaram situações de violação de direitos. Vislumbra-se, assim, a concretização da noção de afinidade a que se refere Donna Haraway, de modo que a consciência de que existem problemas que afetam todas as mulheres, ainda que em graus de intensidade diferentes, une-as em torno dessas questões.

Ademais, sendo a Internet um meio de comunicação dinâmico, interativo e participativo, os conteúdos por ela veiculados podem ser elaborados e compartilhados por qualquer pessoa, vindo a atingir um público grande e diversificado. Desse modo, determinados assuntos polêmicos passam a ser abordados e discutidos sem se submeterem a restrições ou manipulações decorrentes de interesses políticos ou econômicos defendidos pelos grandes veículos de comunicação.

Isso não significa dizer que as opiniões manifestadas pela Internet não são pautadas por determinados interesses ou ideologias. É incontestável que toda informação veiculada é influenciada pelas ideias e perspectivas daquele que as transmite, porém a abertura proporcionada pela Internet garante a pluralidade de visões e potencializa o debate.

Assim, não prevalece na opinião pública apenas determinado ponto de vista, garantindo-se maior diversidade e representatividade, o que, por sua vez, acaba influenciando o conteúdo divulgado pelos veículos de comunicação da grande mídia, como jornais e revistas.

Percebe-se, ainda, que o intercâmbio de informações proporcionado pelo meio digital representa uma nova forma de divulgação das demandas feministas,

capaz de atingir pessoas que, a princípio, não teriam interesse ou oportunidade de participar de reuniões, manifestações ou qualquer outro ambiente de debate voltado a questões concernentes aos feminismos.

Diante disso, as páginas feministas apresentam uma abordagem inovadora ao propor o debate de tais questões, buscando incutir no público que acessa seu conteúdo a ideia de que os padrões sociais podem e devem ser questionados, repensados e modificados. Nessa perspectiva, utilizam-se das tecnologias de comunicação digitais para estimular o envolvimento de todos, a manifestação de opiniões e o compartilhamento de ideias e informações.

Assim, conclui-se que o uso da Internet tornou-se uma ferramenta indispensável, pois inerente ao cotidiano de grande parte da sociedade, com potencial de abrangência inédito. A extensão da luta feminista ao espaço virtual ajudou a revigorar o movimento, trazendo maior atenção às suas reivindicações e atraindo um público mais diversificado.

Em suma, todas as diferentes formas de atuação possibilitadas pela Internet podem vir a provocar mudanças socioculturais de modo a garantir os direitos das mulheres e a igualdade de gênero por meio da difusão de conhecimento e informação. No que diz respeito aos feminismos, o poder da ferramenta tecnológica digital reside, em grande parte, na possibilidade de apropriação das próprias histórias e na construção de identificação entre as mulheres, aproximando o movimento feminista da população e possibilitando a tomada de consciência e a reivindicação de direitos por cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Livia Moreira de. **Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões**. Aurora: Revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 8, n. 23. pp. 73-97, jun/set 2015.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARIONI, Paola et al. **#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- BARREIROS, Bruna Provazi. **Estratégias de visibilidade e articulação no ciberespaço: Uma análise do ativismo feminista brasileiro no Facebook**. 2013. Tese de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC.
- BARROS, Jordana Fonseca; SANTOS, Nícia de Oliveira. **O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia – Original**. Disponível em: <<http://www.labcomdata.com.br/wp-content/uploads/2015/12/SantosNdeOBarrosJFPaper.pdf>>. Acesso em: 20 set 2017.
- BEDINELLI, Talita. **Um projeto que pode piorar ainda mais o calvário das vítimas de estupro**. El País. São Paulo, 12 nov 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/07/politica/1446854183_211544.html>. Acesso em: 26 jun 2017.
- BENTO, Berenice. **Politizar o abjeto: dos femininos aos feminismos**. In: MEDRADO, Benedito; GALINDO, Wedna (Org.). **Psicologia social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011. p. 361-362.
- BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas**. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 569-581, mai-ago 2012.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BLAY, Eva Alterman. **Assassinato de mulheres e direitos humanos**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. **Violência contra a mulher: um grave problema não solucionado**. In: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. Org. Eva Alterman Blay. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 10ª ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

BONKOVOSKI, Amanda, et al. **Refletindo sobre as redes sociais digitais. Educação & Sociedade**, vol.35, n.126, Campinas, jan/mar 2014.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu, n. 26, Janeiro-Junho/2006, pp. 329/376.

BRAIDOTTI, Rosi. **Diferença, diversidade e subjetividade nômade**. Tradução de Roberta Barbosa. Disponível em: <http://www.academia.edu/6042161/Diferença_diversidade_e_subjetividade_nômade_-_Rosi_Braidotti>. Acesso em: 03 jun 2015.

_____. **Un ciberfeminismo diferente**. Disponível em: <<https://fr.scribd.com/document/116320441/Rosi-Braidotti-Un-ciberfeminismo-diferente>>. Acesso em: 11 jun 2017.

BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 01 out 1997.

BRASIL. Lei nº 13.104/2015, de 09 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 mar 2015. Seção 1, p. 1.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à Internet**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - Feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003.

CAGGIANO, Monica Herman. **Democracia x Constitucionalismo – Um navio à deriva?** Disponível em: http://www.cepes.org.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=365:democracia-x-constitucionalismo-um-navio-a-deriva-&catid=41:monica&Itemid=65. p. 3. Acesso em: 25 jun 2015.

CARAM, Bernardo; SOUZA, Nivaldo. **Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, diz Diap**. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 06 out 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 26 jun 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Casos de assédio sexual em trens do metrô e CPTM dobram em quatro anos. G1. São Paulo - SP, 17/03/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/casos-de-assedio-sexual-em-trens-do-metro-e-cptm-dobram-em-4-anos.html>>. Acesso em: 02 dez 2017.

CASTELLS, Manuel. **A era da intercomunicação**. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1915>>. Acesso em: 21 nov 2016.

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Tradução : Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs._Fdf1vE>. Acesso em: 29 jan 2017.

CNJ Serviço: Você conhece a Lei do Feminicídio? Conselho Nacional de Justiça. Brasília - DF, 14/03/2016. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81764-cnj-servico-voce-conhece-a-lei-do-feminicidio>>. Acesso em: 02 dez 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Brasília: Revista Sociedade e Estado, vol. 31, n. 1, jan/abril 2016.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Estudos feministas: Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013.

CREMADES, Javier. **Micropoder: a força do cidadão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

DALE, Joana; LOBO, Thais; URBIM, Emiliano. **Tocados pelo #primeiroassedio, homens fazem meculpa**. O globo. 08 nov 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tocados-pelo-primeiroassedio-homens-fazem-meculpa-17975262>>. Acesso em: 02 dez 2017.

DI FELICE, Massimo. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. MATRIZES, v. 7, n. 2. pp. 49-71; 2013b.

Dia Internacional da Mulher: número de eleitoras e candidatas registra crescimento no país. Tribunal Superior Eleitoral. Brasília - DF, 06/03/2015. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2015/Marco/especial-dia-da-mulher-numero-de-eleitoras-e-candidatas-registra-crescimento-no-pais>>. Acesso em: 05 jan 2016.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e distanciamento**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

Em debate: O PL do estupro. Politize ! Disponível em: <<http://www.politize.com.br/pl-do-estupro/>>. Acesso em: 20 nov 2017.

FARIA, Nalu. **Sexualidade e feminismo.** Disponível em: <<https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/nalu.pdf>>. Acesso em 31: jan 2017.

FERNANDES, Danubia de Andrade. **O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude.** Florianópolis: Revista Estudos Feministas, vol.24, n.3, set/dez 2016.

FOUCAULT, Michel. **Hermenéutica del sujeto.** Madrid: La piqueta, 1994.

GLASIUS, Marlies; PLEYERS, Geoffrey. **The global moment of 2011: Democracy, social justice and dignity.** Development and Change, 2013, n.44, pp 547- 567.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº 1 (2), jan/jul 2004. pp. 75-91.

GRACIANO, Douglas Alves; LOPES, Josiane de Cássia; MAGALHÃES, Eduardo; SERIDORIO, Daniele Ferreira; VICENTE, Guilherme Henrique. **Movimento feminista em rede: análise do blog e do Facebook “Lugar de Mulher”.** Pensamento Plural: Pelotas, Ano 9, n 17, jul/dez 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/5862/5161>>. Acesso em: 20 set 2017.

GUZZI, Drica. **Web e participação: A democracia no século XXI.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HARAWAY, Donna. **Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra.** Cadernos Pagu, nº 22, 2004. pp. 201-246.

_____. **Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX.** In: Antropologia do ciborgue – As vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HAWTHORNE, Susan; KLEIN, Renate. **Cyberfeminism: Connectivity, critique and creativity.** Melbourne: Spinifex Press, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas.** Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em: 22 ago 2014.

_____. **Síntese de indicadores sociais confirma as desigualdades da sociedade brasileira.** Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>.

Acesso em: 23 ago 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça - 1995 a 2015.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf>. Acesso em: 05 nov 2017.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Representações das mulheres nas propagandas na TV.** Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2012/05/representacoes_das_mulheres_nas_propagandas_na_tv.pdf>. Acesso em: 25 ago 2014.

KAUR, Rup. **Outros jeitos de usar a boca.** 1 ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital – Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando.** Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

KROLOKKE, Charlotte; SORENSEN, Anne Scott. **Gender communication: theories and analyses.** Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

KUNZRU, Hari. **"Você é um ciborgue" – Um encontro com Donna Haraway.** In: Antropologia do ciborgue – As vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LACQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud.** Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LARCHER, Marcello. **CCJ aprova mudança no atendimento a vítimas de violência sexual.** Câmara dos Deputados. 21 out 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITO-E-JUSTICA/498538-CCJ-APROVA-MUDANCA-NO-ATENDIMENTO-A-VITIMAS-DE-VIOLENCIA-SEXUAL.html>>. Acesso em: 31 jan 2017.

LE MOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

LE MOS, Renata; SANTAELLA, Lucia. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. **Redes sociais virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa.** *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, maio 2005. Disponível em:

<http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf>. Acesso em: 10 fev 2017.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n. 18, jul/dez 2007. pp. 248-285.

MACIEL, Camila. **Campanha “Chega de Fiu Fiu” pede fim do assédio a mulheres**. Revista Exame. 07 dez 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/campanha-chega-de-fiu-fiu-pede-fim-do-assedio-a-mulheres>>. Acesso em: 02 dez 2017.

MAIA, Rousiley. **Redes cívicas e Internet: Efeitos democráticos do associativismo**. Disponível em: <<http://desafios2.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/democraciadigital/maia2008.pdf>>. Acesso em: 02 dez 2017.

MANSO, Almudena García. **Cyborgs, mujeres y debates: el ciberfeminismo como teoría crítica**. Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales, n. 8, pp. 13-26, 2007.

Marcha Mundial das Mulheres. Disponível em: <<http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/nossa-historia/>> Acesso em: 31 jan 2017.

MARCONDES, Mariana Mazzini, et al. **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **John Locke e o individualismo liberal**. In: Os clássicos da política. Org. Francisco C. Weffort. 13ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

MORENO, Tica. **O machismo abunda**. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/cultura/o-machismo-abunda?page=0,0>>. Acesso em: 25 ago 2014.

NATANSOHN, Graciela. **O que têm a ver as tecnologias digitais com o gênero?** In: Internet em código feminino: Teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013.

NUNES, Amanda. **A ditadura do corpo ideal e o preconceito velado**. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2014/03/a-ditadura-do-corpo-ideal-e-o-preconceito-velado/>>. Acesso em: 27 jan 2017.

ORTIZ, R. **Los cibermovimientos sociales. Un nuevo entorno comunicativo para la movilización en la era de Internet**. In L. Castellón & A. Guillier

(Coords.). *Comunicación, Redes y Poder*, n. 61, nov/dez 2010, Santiago: RIL Editores. pp. 305-330.

Página do coletivo Não Me Kahlo no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoKahlo/?fref=ts>>. Acesso em: 03 mai 2016.

Página da organização não governamental Think Olga no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/thinkolga/?fref=ts>>. Acesso em: 03 mai 2016.

PELLEGRINI, Marcelo. **Ato de mulheres contra Cunha foca em racismo.** Carta Capital. 12 nov 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ato-de-mulheres-contr-cunha-foca-em-racismo-6625.html>>. Acesso em: 31 jan 2017.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Sociedade e cultura, v. 11, n. 2, p. 263/275, jul/dez 2008.

Primavera feminista no Brasil. El País. São Paulo, 12 nov 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html>. Acesso em: 29 jun 2017.

Projeto de lei nº 5.069/2013. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=506D242DCCEDDD497E7A453D443BC297.proposicoesWebExterno2?codteor=1061163&filename=PL+5069/2013>. Acesso em: 25 jun 2017.

QUEROL, Ricardo de. El País. **Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”.** 09 jan 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html>. Acesso em: 20 fev 2016.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **“Que negra bonita!”.** Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/racismo_/que-negra-bonita-por-djamila-ribeiro/>. Acesso em: 29 jan 2017.

RIOS, José Riverson Araújo Cysne; RODRIGUES, Zilá Marília Torres. **O papel da página “Empodere Duas Mulheres” na expansão do movimento feminista nas redes sociais.** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2981-1.pdf>>. Acesso em: 20 set 2017.

RODRIGUES, Laís Modelli; LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Feminismo na Internet: O caso do coletivo Marcha das Vadias e sua página no Facebook.** Colloquium Humanarum, v. 11, n. especial, p. 367-375, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/135661>>. Acesso em: 20 set 2017.

ROSSI, Marina. **O dia em que relatos do primeiro assédio tomaram conta do Twitter**. El País. São Paulo, 23 out 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html>. Acesso em: 26 jun 2017.

SANTANA, Vagner Figueiredo de; et. al. **Redes sociais online: desafios e possibilidades para o contexto brasileiro**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 29., 2009, Bento Gonçalves. *Anais...* Bento Gonçalves: CSBC, 2009. pp. 339-353, p. 340. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2009/013.pdf>>. Acesso em: 10 fev 2017.

SEN, Amartya. **Desigualdad de género: La misoginia como problema de salud pública**. Disponível em: <<http://www.letraslibres.com/revista/convivio/desigualdad-de-genero-la-misoginia-como-problema-de-salud-publica-0>>. Acesso em: 05 fev 2016.

_____. **Many faces of gender inequality**. Disponível em: <<http://web-beta.archive.org/web/20090518191210/http://www.globalpolicy.org//soecon/inequality/gender/2001/11sengender.pdf>>. Acesso em: 22 ago 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado**. vol.21, no.1. Brasília, jan./abr 2006.

Id. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n. 86, pp. 28-39, jun/ago 2010.

Site oficial do coletivo Não Me Kahlo. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/sobre>>. Acesso em: 02 dez 2017.

Site oficial da organização não governamental Think Olga. Disponível em: <<http://thinkolga.com/a-olga/>>. Acesso em: 03 mai 2016.

SWAIN, Tania N. **Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que são direitos humanos das mulheres**. São Paulo (SP): Brasiliense, 2007.

UGARTE, David. **O poder das redes**. Porto Alegre: PUC-RS, 2008.

UNESCO. **Un solo mundo, voces multiples: Comunicación e información en nuestro tiempo**. p. 162. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066sb.pdf>>. Acesso em: 23 ago 2017.

URETA, Ainara Larrondo. **La red al servicio de las mujeres – Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en Internet**. Estudios sobre el mensaje periodístico, n. 11. pp. 375-392, 2005.

VANCE, Carole. **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. Boston and London: Rout ledge & Kegan Paul, 1984.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

Women in national parliaments. Inter-Parliamentary Union. Disponível em: <<http://www.ipu.org/wmn-e/classif.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

WRAY, Stefan. **Electronic Civil Disobedience and the World Wide Web of Hacktivism: A mapping of extraparlamentarian direct action net politics**, 1998. Disponível em: <<http://switch.sjsu.edu/web/v4n2/stefan>>. Acesso em: 08 fev 2017.

ANEXO

DIVISÃO DE ACORDO COM O TEOR DAS PUBLICAÇÕES

THINK OLGA

NÃO ME KAHLO